

OLÍVIA PILAR

*Um traço
até você*

intrínseca



OLÍVIA PILAR

*Um traço
até você*



Copyright © 2023 Olívia Pilar
Publicado mediante acordo com Roman Lit.

REVISÃO
Juliana Souza
Pedro Faria

LEITURA SENSÍVEL
Ana Rosa

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE MIOLO
Haali / Shutterstock

ARTE DE CAPA E ILUSTRAÇÕES DE MIOLO
Anacardos Studio | studioanacardos.com.br

DESIGN DE CAPA
Larissa Fernandez Carvalho
Letícia Fernandez Carvalho

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P686t

Pilar, Olívia
Um traço até você / Olívia Pilar. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
288 p. ; 21 cm.

ISBN 978-65-5560-671-3

1. Romance brasileiro. I. Título.

23-84445

CDD: 869.3

CDU: 82-93(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para minha avó Amerita, que também adorava
histórias e me ensinou que nossas palavras
merecem ser ouvidas, lidas e contadas.*



1



Às vezes eu gostaria de viver em um mundo onde só existissem eu e meus desenhos.

Não é como se eles fossem a grande obra-prima do século, mas são minha melhor companhia. Sinto que ainda não tenho muita técnica, minha forma de segurar o lápis não é tão profissional e, sinceramente, não sou nada boa com rostos. Mas desenhar é a única coisa que realmente me faz feliz.

Eu só não sei como contar isso para o mundo. As falhas da minha “arte” — é estranho chamar assim — prendem tanto a minha atenção que vivo dizendo a mim mesma que eu não deveria seguir essa carreira. Mas não tem jeito. É isso que quero. Só preciso de uma oportunidade de melhorar.

É por isso que decido tocar nesse assunto mais uma vez durante o jantar. Como é o início da semana, meus pais não devem estar tão estressados com o trabalho e imagino que Antônio, meu irmão caçula, ainda não teve tempo de aprontar na escola.

Dessa vez, a conversa não é só sobre meu sonho, mas também sobre a notícia que abalou o mundo da ilustração.

— Mãe... — chamo e abaixo o garfo. Prefiro falar com ela, já que costuma ser mais flexível que meu pai. — Você se lembra da Paz?

— Hum?

— A Paz, aquela ilustradora brasileira que se mudou daqui e que...

— Ah! Aquela que você ama — diz meu pai, olhando rápido de mim para minha mãe.

— Essa mesma! — Não escondo o sorriso de satisfação por pelo menos ter feito o nome da minha maior inspiração grudar na cabeça dele. — Lembra que ela tinha se aposentado? Que falou que aquela exposição na Argentina seria a última da carreira dela? E olha que ela só tinha quarenta anos na época...

— Sim?! — responde minha mãe.

Acho que ela não faz ideia do rumo dessa conversa. Para ser sincera, nem eu.

— Então, depois dessa declaração uns seis anos atrás ela se mudou para Santiago, no Chile. Acho que parte da família da mãe dela é de lá, e ela sempre falou muito sobre como perder a mãe tão nova e o laço materno a fizeram desenhar com mais emoção. Já deve ter morado em umas dez capitais desde que começou a viajar expondo seus trabalhos e...

— Hum... — murmura minha mãe, sem levantar os olhos e se deliciando com o espaguete à bolonhesa que meu pai tinha preparado.

Respiro fundo; toda essa história é só uma preparação para o que eu quero contar desde ontem à noite. Não consegui me concentrar nas aulas de hoje na faculdade, não consegui comer direito nem fofocar com a Amanda, minha melhor amiga desde o ensino fundamental. Passei o dia inteiro pensando em como contar aos meus pais que quero fazer um curso de verão de desenho — em *outro país* — e que infelizmente preciso de bastante dinheiro para isso.

Dinheiro que ainda não tenho.

— Então... Ontem ela divulgou que vai fazer mais um retorno artístico, mas que dessa vez o objetivo é passar tudo o que ela sabe. Ela vai lançar um curso em janeiro... no Chile. Completíssimo, com aulas do nível iniciante ao avançado, falando sobre tudo o que aprendeu nos vinte anos de carreira. Vai ser incrível e quero muito, muito mesmo, fazer. Sabe, pra melhorar meus desenhos...

Pela primeira vez desde que comecei meu monólogo, vejo meus pais trocando olhares. Não faço ideia do que estão tentando dizer um para o outro, mas não gosto nada do silêncio que toma conta da mesa. Só dá para ouvir Antônio mastigando com voracidade.

Meu pai já está com as bochechas vermelhas, e as sobrancelhas pretas da minha mãe estão tão franzidas que quase parecem uma só. Vejo seus lábios grossos se contraírem e, nesse momento, percebo o quanto me pareço com ela. Exceto por sua pele preta ser bem mais escura que a minha.

— Por que ela não lança o curso aqui no Brasil? — pergunta meu pai, depois de um pigarro nervoso.

— Não sei, pai. Acho que ela não deve ter lembranças boas daqui, sabe? Só voltou uma vez desde que a mãe morreu no parto da irmã mais nova. Dizem que foi erro médico, e a Paz já falou em várias entrevistas sobre como mulheres negras são desrespeitadas e têm mais risco de sofrer violência obstétrica. — Faço uma pausa para respirar antes de continuar. Esse pode ser um momento determinante, que vai me aproximar do que mais quero para a minha vida. — Aí o pai dela levou a Paz e os irmãos para a Colômbia. Foi ser pedreiro em uma obra grande por lá. A Paz começou a fazer sucesso logo depois... Enfim, ela falou que o Chile agora é o novo lar dela, depois de tantas cidades.

Já contei essa história, mas não me importo de repetir.

Meus pais não falam nada por alguns segundos; o silêncio me corrói por dentro e sei que estou perdendo minha chance. Eles não dizem uma palavra sequer, mas eu sinto. Está estampado na cara deles.

— Vamos terminar de jantar e depois conversamos sobre isso, Lina. Amanhã precisamos acordar muito cedo.

— Mas mãe...

— Depois, Lina. Estamos terminando de jantar.

Engulo em seco. Meu prato ainda está intocado. Perdi o apetite e meu estômago começa a se revirar. Cada um se levanta e começa a retirar os utensílios da mesa.

— Vamos jogar alguma coisa? — diz Antônio, alheio à tensão, antes de ir para a sala.

— Depois, pirralho — respondo, forçando um sorriso.

Ignoro o resmungo do meu irmão. Sei que ele vai me desculpar em algumas horas. Fico sozinha na cozinha vendo a água bater nas louças, os pequenos pedaços de comida no ralo, o som do meu coração acelerado preenchendo o silêncio deixado pelos meus pais.



Paro no meio do desenho que estou fazendo. É uma tentativa de desenhar uma árvore histórica do meu campus, a mais antiga do lugar e que dizem ter sido plantada pelos fundadores da universidade. Encaro o papel, os traços finos mostram os galhos mais distantes, tão altos que poderiam tocar o céu. Os traços grossos formam o tronco central. Está bonito, mas não tem muito sentimento.

Já é madrugada e não consigo tirar a conversa da cabeça — ou, melhor, a *quase* conversa — com meus pais. Se passaram cerca de quatro horas, mas...

Pego meu celular e fico olhando a timeline do Instagram. Nada relevante, até que o anúncio de uma vaga de estágio, feita pelo perfil oficial do meu curso na faculdade, surge como uma luz no fim do túnel. Leio rápido, não há pré-requisito sobre o período mínimo que o aluno deve estar cursando. Então resolvo salvar a postagem.

— De novo... conversa... futuro... — Escuto a voz da minha mãe, mas poucas palavras são decifráveis.

Levanto rápido e me aproximo da porta do quarto. Não dá para tirar qualquer conclusão do que eu ouvi, mas sinto que estão falando de mim.

— Eu sei, Lélia. — Escuto meu pai responder, baixinho.

Moramos nesse apartamento a vida toda, mas meus pais ainda juram que não dá para ouvir suas conversas silenciosas da madrugada. Eu já soube de muitas fofocas da família só por ficar acordada até tarde (sem eles saberem, claro).

— Eu só não quero que ela seja como meus primos. Ela é uma menina negra. Bem de vida, mas negra... precisa de algo mais certo. Precisa de algo... — comenta minha mãe.

— Menos idealista, eu sei — completa meu pai.

— Ela não tem ideia de como vai ser difícil.

Nesse momento, já estou a poucos passos da porta do quarto deles. Não deveria estar ouvindo essa conversa, mas não consigo me controlar. Sei que meus pais me amam, mas meu coração está cada vez mais apertado. É meu sonho, mas ninguém parece entender isso.

— Ela é talentosa, mas... — diz minha mamãe.

— Não podemos mais incentivar. Acho que fizemos errado em dar aquela mesa digitalizadora para ela.

— Nós achamos que era um hobby. Não uma possibilidade de profissão.

— E se for, já que ela...? — Sei que agora meu pai sussurrou, porque estou quase com a cabeça colada na porta e não consegui ouvir o final da frase. — Pode ser só algo passageiro. Ela vai perder tempo.

Silêncio.

Meus pais não entendem. Eu preciso desse curso. A Paz pode melhorar muito o meu traço. Sei que sou talentosa, mas também sei que ainda não sou tão boa quanto poderia ser.

— O que vamos dizer para a Lina sobre... *isso?*

A voz da minha mãe sai como um sopro, como se falar em voz alta sobre eu desenhar pudesse causar uma catástrofe mundial. E talvez tenha causado, no meu mundo.

Começo a caminhar devagar para o meu quarto. Não quero mais ouvir essa conversa, não quero saber o que eles têm a dizer. Sei que não me apoiam e está na cara que não vão me ajudar com o curso. Preciso fazer isso sozinha.

Talvez eu *queira* fazer isso sozinha.

Tenho poucos meses para conseguir o dinheiro antes de a Paz abrir as inscrições. Na publicação, ela informou que seria um curso com bastante vagas e até algumas bolsas, mas não posso contar com isso. Preciso fazer a minha parte.

A publicação do Instagram volta aos meus pensamentos. Decido pesquisar melhor sobre a vaga de estágio e me candidatar logo. Preciso ser rápida. O tempo está correndo e estou perdendo minha melhor chance.

Eu me sinto triste e sozinha. Desacreditada. Acho que aquele desejo de um mundo só meu e dos meus desenhos se tornou realidade. Mas não como eu esperava.

2



Olho apressada para a tela do celular assim que desço do ônibus. Já estou em cima da hora, mas talvez eu até consiga chegar alguns minutos antes se pegar um atalho. Caminho do ponto até a entrada da faculdade, seus dois prédios grandes e compridos contrastando com o céu azul.

Não tenho tempo para reclamar do fato de o pessoal de Direito ter um prédio inteiro enquanto os outros cursos precisam se amontoar nos andares do segundo bloco, mas inevitavelmente sou lembrada dessa informação quando vejo a placa que informa as direções do campus.

Na parte de cima, desgastada pelo tempo, está a inscrição FACULDADE DO MUNICÍPIO DE BELO HORIZONTE. Embaixo, é possível ver DIREITO com uma seta para a esquerda e ADMINISTRAÇÃO, COMUNICAÇÃO SOCIAL, LETRAS E DESIGN GRÁFICO com uma seta para a direita. Eu escolho o lado da mão que uso para escrever e sigo em direção ao prédio mais antigo, aquele que abriga a maior parte dos cursos e tem sempre uma aparência malcuidada.

No caminho, passo pela fachada cinza. O prédio dispõe de um gramado na frente e tem três lanchonetes na parte interna. Do outro lado, vejo a área comum do campus. Há foodtrucks, um restaurante relativamente grande e uma tenda de circo que deveria ter sido temporária, mas nunca foi removida.

Os alunos costumam fazer aula de dança, ioga e várias outras atividades nesse espaço. Amanda certa vez me convenceu a fazer uma aula de forró que foi um desastre completo. Para ser sincera, nunca imaginei que meus pés fossem tão descoordenados. Essa foi a única vez em que estive na tenda por mais de cinco minutos, porque no geral ela é apenas uma passagem até o foodtruck de hambúrguer.

Estou passando agora perto da tenda. Você sabia que depois do almoço ela também fica cheia?

Envio a mensagem para Amanda, fazendo questão de reforçar que cheguei à faculdade à tarde.

Nós frequentamos o curso no período da manhã e sempre tivemos curiosidade de saber como o local fica em outros momentos do dia. Sinto o celular vibrar com uma notificação, mas não consigo reagir tão rápido quanto gostaria.

É difícil explicar, mas uma força me faz decidir mudar um pouco a rota; um ímã que de repente me leva até a tenda. Fico surpresa ao perceber meus pés saindo do caminho para o Laranjinha — apelido carinhoso dado pelos alunos ao prédio onde estudo — e, quando me dou conta, já estou no meio da feirinha que está sendo realizada na tenda.

O andar do curso de Administração está a dez minutos de mim, e tenho apenas quinze para chegar a tempo da entrevista. Sei que nunca parei para observar de perto essa feira, e não faz sentido algum eu decidir circular por ali justamente no dia em que preciso ser pontual. Mas meus pés não me obedecem.

— Lina... — sussurro para mim mesma, dando passos rápidos na direção contrária à que deveria ir.

A feira, assim como supostamente a tenda, também é temporária, mas não é surpresa que sempre haja gente ali. Quando não estão vendendo itens de artesanato ou tortas, as pessoas estão fofocando ou debatendo algum assunto que pelo visto acham *muito* interessante.

Do lado esquerdo, há várias mesas e banquinhas com cartazes. No direito, algumas pessoas estão em pé, muitas delas com um copinho de café na mão e batendo papo descontraidamente.

Caminho entre as mesas e observo cada cartaz, cada pessoa vendendo alguma coisa ou oferecendo um serviço. Fico bastante impressionada com o rapaz que afirma conseguir decifrar a vida de alguém com base apenas no mapa astral dessa pessoa. Quase paro na mesa da moça vendendo trufas de morango, mas desisto e decido ir até a parte final da tenda.

E é uma das últimas mesas que chama minha atenção de verdade.

Quando me aproximo, percebo que não é exatamente uma mesa, está mais para uma tábua apoiada em dois cavaletes pequenos, mas altos. Em cima da madeira plana, vejo vários livretos, com algumas opções de cor. Na frente, pendurado em um barbante e apoiado na mesa, um cartaz diz: PEGUE, MAS SÓ SE FOR LER!

Não há ninguém ali para explicar o material. Acho que o responsável deixou que as pessoas tirassem as próprias conclusões quando lessem.

De repente, o que vejo na minha frente faz valer cada segundo perdido naquela caminhada sem sentido. Uma garota está sentada em um banco da altura da mesa, um pouco mais afastada. Seus dedos passeiam pela tela do celular e seu olhar encara o chão. Aproveito sua distração para obser-

vá-la por mais tempo. O black power está cuidadosamente penteado, com uma presilha dourada na lateral esquerda. O objeto brilha, mas meus olhos focam sua pele negra, bem mais escura que a minha. É como se nossos tons de marrom se completassem.

Ela tem o rosto fino, e eu consigo ver uma cicatriz em sua sobrançelha direita antes de perceber que a garota se levantou e agora está de pé, me encarando.

— Ei, tudo bem? — A voz dela soa um pouco baixa, mas inesperadamente potente.

Ela sorri com os dentes à mostra, e noto um pequeno espaço entre os dois da frente.

— Oi! — respondo, contendo minha empolgação. — Tudo... estava dando uma olhadinha na sua mesa.

— E já escolheu?

— O quê? — Acho que minha pergunta parece boba, porque ela solta uma risada.

A garota chega mais perto da mesa e aponta os livretos. Eu me aproximo e reparo melhor em cada um. Não parecem estar em alguma ordem preestabelecida, e todos têm o mesmo título: *ELZA*.

— É só pegar?

Agora pareço ainda mais boba, mas as peças não se juntaram na minha cabeça.

— E ler! Essa é a única regra — responde ela, apontando para o cartaz.

— E aí depois eu te procuro e conto o que achei?

— Hum... talvez. — Ela parece pensativa. — Não vou ficar chateada se você não gostar, só não me conte. — Ela ri.

Seu sorriso já não parece tão aberto quanto antes, então imagino que exista uma pontinha de verdade nessa brincadeira. Eu sorrio também, sincera.

Pela primeira vez desde que cheguei à faculdade hoje, meu corpo obedece aos meus comandos, então estico a mão para pegar um dos livretos. Escolho um amarelo só porque é minha cor favorita.

Sinto o olhar da garota observando cada um dos meus movimentos, mas não me privo de folhear o livreto. Percebo alguns versos nas páginas, embora não consiga ler nenhum. Não estou tão concentrada quanto deveria.

— São seus? — Ergo os olhos do livreto e a encaro.

Ela assente, e agora seus lábios estão contraídos. Não sei se está chateada por eu não olhar o livreto com tanta atenção ou se está ansiosa pela minha opinião.

Mas por que ela estaria preocupada com o que eu tenho a dizer se nem nos conhecemos? Deve ser coisa da minha cabeça.

Fico com a primeira opção e fecho o livreto com delicadeza.

— Você é a Elza ou é uma homenagem a alguém?

Sua boca relaxa em uma nova risada, baixa como sua voz.

— Meu nome é uma homenagem a Elza Soares, mas o que eu escrevo é sobre o que vejo, sinto, reflito... — Ela pega um exemplar roxo e me entrega. — Leva esse também. Já me falaram que esses dois meio que se complementam.

Fico ainda mais interessada e pego o livreto da mão dela com um aceno de cabeça. Espero que ela entenda que é um sinal de agradecimento. E interesse.

— Você já sabe meu nome, mas eu não sei o seu — diz Elza, sem soltar o livreto.

Sinto nossos dedos se tocarem sob as páginas roxas e é como se um raio percorresse meu corpo.

— Helena... — respondo, meio avoada.

Logo me lembro de que aquela não é a conversa para a qual tinha me preparado. Meu Deus! A entrevista!

— Mas pode me chamar de Lina — acrescento. — Por favor, me chama de Lina — digo, parecendo um pouco ansiosa.

Não sei o que deu em mim.

— Ok, então... Lina.

Meu apelido nunca soou tão bonito quanto naquele momento.

Sinto o celular vibrar com outra notificação e sei imediatamente que estou atrasada.

— Depois a gente se fala — diz Elza em um tom simpático e tranquilizador ao perceber que estou distraída.

Sei que transpareci (e muito) meu desespero.

Mal me despeço dela com um aceno e saio correndo, ignorando o fato de que chegarei toda suada na minha primeira entrevista de estágio.

Depois da conversa dos meus pais que ouvi escondida, essa se tornou a minha melhor oportunidade de conseguir o que quero, e eu não posso sequer cogitar perdê-la. Mas não me sinto tão mal com o atraso, porque, pela primeira vez, a tenda não parece tão sem graça.

3



Se tem um lugar que conheço como a palma da minha mão, é o prédio Laranjinha. Por isso, consigo pegar todos os caminhos mais curtos. Ainda bem.

Cada um dos quatro primeiros andares é destinado a um curso diferente, e no quinto ficam as salas de reuniões, a sala dos professores e a dos colegiados. O andar de Administração, meu curso, fica em cima do de Letras e abaixo do de Comunicação Social, que descobri, no ano passado, ter duas habilitações: Jornalismo e Publicidade.

Design Gráfico, que deixa meus colegas indignados por não entenderem por que não faz parte de Comunicação, ocupa o quarto andar. E, por incrível que pareça, é o segundo lugar que mais visito apenas por um motivo: a melhor lanchonete de todo o campus. Pão de queijo quentinho e um café de primeira. Não preciso falar mais nada.

Amanda vira e mexe diz que esse é meu jeito de esconder a verdade, que ali eu me sinto em casa, diferente do que acontece no nosso andar.

Afasto esse pensamento ao subir correndo as escadas e peço desculpas ao esbarrar em algumas garotas. Estou atrasada e sei que é culpa minha, mas tento não pensar muito nisso.

Tenho apenas dois objetivos esta tarde: chegar a tempo para a entrevista e cativar a pessoa que vai me avaliar.

—Você é a Helena?

No segundo andar, uma garota branca me olha com as sobrancelhas arqueadas. Repasso em minha mente o Instagram da professora responsável pela vaga de estágio e não me lembro de tê-la visto em publicações recentes.

A garota sorri, mas não passa tanta sinceridade quanto parece tentar. Seu cabelo liso castanho-escuro está solto, e as pontas caem junto à lateral esquerda do corpo, apoiado na porta de madeira.

Bati apenas uma vez antes que ela aparecesse e quase soltei um palavrão por não ter me dado um tempinho de respirar fundo e me recuperar da quase corrida.

— Eu mesma, mas pode me chamar de Lina. — As palavras saem em meio à respiração ofegante, e a garota assente meio indiferente.

Quando ela abre passagem e pede que eu entre, reparo que tem a pele bronzeada, mas já naquela transição para o tom mais claro. Sua roupa não tem nada a ver com a minha, e me sinto quase desarrumada com a calça jeans preta e a camisa branca básica.

Logo me lembro de que meu cabelo volumoso está solto, deixando bem à mostra meus cachos, e recupero a confiança. Confio na beleza deles com toda a minha alma, mesmo que talvez mais ninguém pense o mesmo.

— Eu sou a Camila. — Ela se senta a uma mesa diante de um computador. — Estou nesse projeto com a Fátima desde o semestre passado — comenta.

Ela ainda está com um sorriso, mas a forma pausada como diz cada palavra me deixa desconfortável. Não sei por quê.

Tento ignorar essa sensação, porque é bem provável que não seja nada de mais. Eu nunca vi essa garota e tenho quase certeza de que ela nunca deve ter ouvido falar de mim também.

Dou uma olhada na sala ampla. É retangular e comprida e tem duas mesas redondas no centro, com quatro menores na lateral direita, ao lado da porta de entrada. Duas janelas grandes na parede em frente à porta estão abertas. E ao fundo, do lado esquerdo, vejo o que imagino ser o escritório da professora Fátima Vieira, a responsável pelo projeto.

Parece uma sala pequena e tem uma divisória de vidro entre os dois ambientes. Ela me vê ao longe e acena rápido, mas logo volta os olhos para o computador, falando ao telefone. Quando me inscrevi para a vaga, procurei o nome dela na internet e acabei encontrando sua única rede social. Não deu para descobrir muita coisa que me ajudasse na entrevista, já que havia apenas muitas fotos conceituais, mas pelo menos me acostumei com seu rosto. Sabe aquela coisa de tentar guardar na memória a aparência de alguém? Aconteceu comigo.

Fátima se vira de costas para nós, e eu também me viro para observar a garota que está comigo.

— E você gosta de trabalhar no projeto? — Tento quebrar o silêncio, mas não espero uma grande revelação.

Quero manter uma conversa para evitar que o nervosismo tome conta de mim. É minha primeira entrevista na vida, não é pouca coisa. O único outro emprego que tive foi com meu pai, então não diria que passei por um processo seletivo muito rigoroso.

Camila gira a cadeira, se voltando para mim, e vejo seus olhos passeando e conferindo cada parte do meu corpo. Ficaria quase lisonjeada se não tivesse visto de relance seu nariz dar uma leve franzida.

— Nossa, eu adoro! — Sua voz soa um pouco esganiçada, mas percebo certa sinceridade na resposta, ainda que eu não esteja confiando muito nos meus instintos hoje. —

Acho que você vai gostar bastante! — exclama ela, como se tivesse certeza de que a vaga vai ser minha.

Mais certeza do que eu esperava, para ser sincera. Talvez eu seja a única pessoa que se candidatou.

— Ah, então não teve mui... — Tento pescar alguma informação sobre o processo seletivo, mas sou interrompida.

— Helena, querida... — Escuto uma voz atrás de mim.

Eu me viro rápido o bastante para receber o abraço da professora Fátima sem me assustar com aquela aproximação.

Diferente das fotos, que escondem alguns detalhes, a pele dela é muito branca e tem algumas marcas, além de várias sardas. O cabelo tem mechas loiras, mas a raiz é de um castanho-escuro puxado para o preto. As pontas estão desiguais, uma lateral maior que a outra.

Chuto que ela tenha por volta de quarenta e cinco, mas parece uns quinze anos mais velha.

— Que bom finalmente conhecer você...

— Finalmente? — Do que ela estava falando? Mas minha pergunta é ignorada.

Seus olhos passeiam pelo meu rosto até chegar à cabeça.

— E que cabelo lindo... — comenta ela.

A forma como a professora morde o lábio inferior parece estranha, mas o sorriso aberto logo volta e, mais uma vez, tento afastar qualquer pensamento receoso sobre essas pessoas que acabei de conhecer.

A mulher levanta o braço e me afasto rápido, mas tento não dar muito na cara. Tenho a sensação de que ela estava prestes a colocar a mão no meu cabelo. Sinto o pânico me dominar por alguns segundos. A expressão de Fátima muda um pouco, mas não consigo identificar os sinais com clareza.

— Obrigada — respondo, meio incerta do rumo da conversa.

— Venha, venha... — indica ela, gesticulando e apontando para sua sala.

Eu vou na frente e entro no escritório. Há uma mesa grande com duas cadeiras. O computador dela é um daqueles de última geração. Do lado direito, tem uma janela como as da outra sala. Do esquerdo, uma estante lotada de livros chama minha atenção.

— Camila, nós vamos bater um papinho aqui, mas qualquer coisa é só me chamar, viu? — avisa ela.

Não consigo ouvir a resposta de Camila, porque a porta se fecha e logo Fátima está diante de mim.

— Por favor, sente-se! — diz ela, e eu me acomodo na cadeira diante da mesa.

Sinto meu estômago se revirar e me seguro para não fazer uma careta. Já conheço aquele sentimento, é o nervosismo tomando conta de mim.

Coloquei muitas esperanças nessa entrevista, mesmo com Amanda me alertando para a possibilidade de talvez não dar certo, afinal é um processo seletivo, então pode haver vários candidatos. Mas ali estava eu, nervosa porque sabia que era minha única chance de conseguir viajar no começo do próximo ano.

A expressão de Fátima não está mais tão simpática, e seus olhos me analisam demoradamente.

— Então... o que você sabe sobre análise de dados?

A pergunta me pega desprevenida. Lembro que meus pais não apoiam meu desejo de fazer algo diferente, deles dizendo que desenhar não é uma profissão. Ou algo assim.

Não sei. Talvez eu devesse mesmo continuar na Administração, assumir logo a empresa da família, seguir o caminho mais fácil e esquecer meu sonho.

— Eu estou brincando, é claro. — Fátima me desperta de volta para a realidade.

Solto uma risada sem graça. Ela continua, a voz alta e aguda demais:

— Bom, Helena, acredito que você tenha lido a descrição da vaga, mas apenas para contextualizar...

Tento me concentrar em suas palavras, ainda que tenha decorado tudo sobre o projeto.

— Nós estudamos inclusão e diversidade em empresas de cosméticos, principalmente de maquiagem — explica a professora. — O objetivo é estudar a presença de grupos minoritários nesses espaços.

— É um assunto incrível — respondo, sincera.

Administração nunca foi a carreira dos meus sonhos, mas não podia negar que o projeto parecia legal.

— Essa vaga foi criada porque sentimos falta de alguém que possa auxiliar a Camila na tabulação dos dados e depois na análise que faremos.

Resolvi não me deixar abalar pelo fato de que ela tinha simplesmente *ignorado* meu comentário. Mais uma vez.

— Você está no segundo período, certo? — pergunta ela.

— Isso.

— Já está sofrendo com Estatística I?

— Não muito. Até que estou gostando, sabia? Assim, ainda não chegamos nas partes mais complicadas, mas estou achando tranquilo.

Fátima parece surpresa, mas a expressão não se mantém por muito tempo. Ela volta os olhos para o computador e noto certa indiferença em seus gestos e sua postura.

— Ótimo! Você vai se sair bem com os dados, então! Entrarei em contato em breve, Helena. Pode ser pelo e-mail que conversamos?

— Com certeza! — respondo rápido.

Fico surpresa pelo fim abrupto da entrevista. Talvez a vaga já esteja preenchida e só me deixaram vir para cumprir tabela.

— Ah, Helena... — chama ela. — Mande um abraço para o seu pai, está bem?

— Meu pai?

Sei que pareço confusa, porque estou mesmo.

— Acho que ele não chegou a falar sobre mim... — Sua expressão está séria, apesar do sorriso contido. — Nós fomos colegas de faculdade.

— Uau, que coincidência...

Não conheço muitos colegas dos meus pais da época da faculdade, mas tenho certeza de que nunca ouvi falar dela.

— Sim, muita. — O sorriso dela vacila, e me atendo às suas palavras. — Vou adorar trabalhar com você.

Fátima volta a encarar a tela do computador e percebo que essa é minha deixa para sair depois que o silêncio toma conta do lugar.

Antes que eu dê por mim, já estou fora do escritório me despedindo de Camila. Não consigo decifrar sua expressão, mas percebo que ela e Fátima trocam olhares rápidos e afiados.

Alguma coisa me diz para ficar bem atenta.

4



Respiro fundo e ando pelos corredores da faculdade. Agora, passada a pressão da minha primeira entrevista e longe de Fátima e Camila, consigo pensar em tudo o que aconteceu antes de entrar na sala.

A cena volta com força total à minha cabeça e meu coração bate forte, porque penso na possibilidade de *ela* também estudar aqui. A garota que escreveu os versos dos livretos que estão na mochila que carrego no ombro. A garota de olhar penetrante e cabelo lindo. *Elza*, o nome ecoa em minha mente.

Eu fico me perguntando o que vou fazer se por acaso a encontrar pelos corredores, mas nenhuma das minhas suposições se torna realidade. Não há sinal dela ali, nem no pátio, nem na tenda.

A imagem de Elza se mistura com a de Fátima e a de Camila. Penso sem parar nas três, no que cada uma delas significa. As duas últimas representam minha única chance de conseguir fazer o curso no começo do ano. Já a primeira... eu não sei. Ainda. No entanto, minha mente insiste em lembrar seu rosto a todo momento. Quero conhecê-la melhor, quero saber tudo sobre ela.

Resolvo checar o celular e vejo as notificações. São todas de Amanda, desesperada para saber sobre a entrevista. Envio uma mensagem para minha amiga.

Saí agora. Foi... estranho? Não sei explicar. Acho que deu tudo certo, mas tem alguma coisa me dizendo que... não sei. Tomara que dê certo.

Amanda

Eu já te falei o que acho. E por que mesmo você quer seguir com essa ideia de arrancar um estágio em uma área que nem gosta?

Não é que eu não goste, eu só gosto mais de outras coisas. É porque eu quero muito fazer o curso, já te falei.

E eu já disse o que acho. Pede ajuda com todas as letras pros seus pais, cara!

Você sabe como eles são megarresistentes com tudo isso... só torce por mim.

Amanda responde minha última mensagem com um emoji de coração seguido de um joinha.

Volto para casa com muito em que pensar. Estou preocupada com o desfecho da entrevista e um pouco decepcionada por não ter esbarrado com Elza. Era o momento perfeito para o acaso me ajudar. Que droga, universo!

— Linaaaaaa!

Assim que passo pela porta, eu me preparo para o abraço e sinto um corpo pequeno se chocar com o meu.

Só existe uma pessoa no mundo inteiro capaz de me animar em qualquer situação: Antônio.

Ele me abraça forte e eu me inclino e passo os braços ao redor de sua cintura, erguendo-o no ar.

— Quando foi que você cresceu tanto, garoto? — pergunto, em tom brincalhão.

Antônio faz uma careta.

— E aí, tudo bem? — acrescento.

Então meus olhos finalmente percebem o que há de diferente no rosto dele. Na verdade, não vai levar muito tempo até minha mãe ver também, por isso solto uma gargalhada e o coloco no chão.

— O que você fez com a sua sobrancelha?

Antônio tem os olhos redondos e bem pretos, seus cílios são gigantes e sua carinha de anjo esconde toda a energia que ele tem dentro de si. É por isso que não me surpreendo quando vejo sua sobrancelha com vários buracos.

— Peguei a tesoura e...

— E sapecou a própria sobrancelha — completa minha mãe, vindo da cozinha.

Ela olha por cima do ombro para nós dois, que estamos no meio da sala. Está com o cabelo molhado, e consigo ver de longe suas habituais argolas douradas. Gosto da cor, porque realça sua pele negra retinta. Minha mente inevitavelmente volta para Elza, com sua presilha da mesma cor, mas balanço a cabeça para focar no presente.

Solto uma risada abafada pela travessura do meu irmão, mas fico aliviada de não ter que contar para ela o que seu filhinho querido fez.

Passo a mão pelo cabelo crespo de Antônio, que está um pouco sem forma por não ver um corte há um tempo. Ele sorri com seus dentes um pouquinho tortos à mostra. Sabemos que nossa mãe segue cada passo que damos. Ela nem tenta disfarçar.

— Direto para o banho e depois conversamos sobre a entrevista enquanto lanchamos, ok? — diz ela, abrindo a geladeira.

Gosto muito que a família Almeida carrega uma característica importante em seu DNA: a sede por novidades. Cada detalhe, cada segundo do que aconteceu.

Antônio me segue até meu quarto, falando sem parar. A essa altura, já sei tudo o que aconteceu na vida dele hoje, inclusive quantas vezes arrotou. Digo que isso é nojento e separo minhas roupas; ele solta uma risada estrondosa, ignorando meu apelo para não detalhar nada do tipo.

— O que é isso? — pergunta ele, apontando para os dois livretos na minha mão.

Agradeço pela existência de Elza, pois os livretos distraem Antônio e o impedem de soltar um arroto fedido no meu quarto.

— Uma garota me deu. São bonitos, né? — Fico feliz com minha capacidade de resumir em poucas palavras o que senti ao conhecer Elza.

— Ela te deu dois? Que legal... É sua amiga? — questiona ele, se aproximando e pegando um dos livretos da minha mão.

— Não, é só uma menina da faculdade — respondo, incerta. Não escondo meu desânimo, pois a verdade é que não sei nada sobre ela. — Nem tenho certeza se vou vê-la de novo, Toninho.

Não preciso olhar para o meu irmão para saber que ele fechou a cara. Sorrio, satisfeita. Ele não gosta muito de apelidos, porque *ama* seu nome.

— Como você é boba, Lina. Não acredito que não pensou nisso. Olha só aqui atrás...

Ignoro o tom de superioridade do meu irmão e corro para pegar o livreto da mão dele. E ali estão elas, as redes sociais de Elza.

Antônio ainda está de cara fechada, mas relaxa quando eu dou um beijo rápido na sua bochecha. Ele sai correndo do meu quarto quando ameaço apertar suas bochechas e prendê-lo num abraço interminável.

— Ai, ai, irmãozinho! Você é realmente tudo!

Sei que estou falando sozinha e ele já saiu correndo, porque escuto vozes vindo da cozinha — a do meu irmão soa muito mais alta que a da minha mãe. Mas não me importo. Tudo o que consigo fazer é pegar o celular, abrir o Instagram e digitar o nome de usuário dela.

É difícil segurar o sorriso quando ela aparece. Elza.

Quer dizer, não exatamente *ela*, mas seus escritos. Como Elza mesma disse, seus versos são um pouco sobre o que ela sente, então acho que também devem ser um pouco sobre ela. Passo os olhos por várias publicações, fazendo uma nota mental de que preciso ler tudo o que conseguir ainda hoje, além dos dois livretos que peguei. Me sinto um pouco stalker, mas sei que Amanda vai ficar orgulhosa por eu finalmente estar pesquisando uma garota por quem me interessei. Já caí em muitas ciladas por ter confiado demais nas pessoas.

Não demora muito para que eu chegue até seu perfil pessoal, mas me decepciono quando percebo que é privado. Que droga, só dá para ver a foto da conta. Elza sorri para a câmera, espontânea. Na imagem em preto e branco, seu black power está mais curto, mas ainda assim radiante e emoldurando seu rosto. O pequeno espaço entre os dentes destaca seu sorriso perfeito.

— Lina, vai pro banho AGORA! — grita minha mãe da cozinha, porque sabe que ainda não fui.

Não é como se ela estivesse tão preocupada assim com minha higiene, a verdade é que só quer logo os detalhes do meu dia. Eu ignoro a ordem por mais cinco minutos, olhando bem rápido a timeline do “Escritos da Elza” — esse é o nome da conta.

Resolvo deixar para ver mais postagens com calma depois, antes de dormir.

Agora eu tinha que contar para minha mãe tudo sobre a entrevista de estágio que poderia me dar a chance de viajar para o exterior, fazer o curso dos meus sonhos e não precisar pedir mais nada aos meus pais.

Lina tem quase tudo na vida. Estuda em uma das melhores universidades do país, mora em um bairro de classe média alta de Belo Horizonte e está sempre se divertindo com os amigos. Nos planos, faltam apenas o apoio dos pais para a carreira de ilustradora e o dinheiro para um sonhado curso de desenho no Chile.

Quando consegue uma vaga de estágio, ela acredita que está tudo resolvido. Apesar de não gostar de Administração, o projeto sobre inclusão e diversidade parece interessante. Mas Lina logo recebe olhares estranhos e tarefas que colocam sua capacidade em xeque. E talvez isso tenha a ver com a cor de sua pele.

Então seu caminho cruza com o de Elza, uma estudante do curso de Letras que traz em seus versos a importância da luta por uma sociedade mais justa.

À medida que se aproximam, Lina se dá conta de que o mundo a enxerga de uma forma que ela não imaginava, e precisa buscar em seu lado artístico a força para construir sua identidade. Juntas, Lina e Elza vão confrontar seus medos, suas inseguranças e viver uma história de amor inesquecível.

Um traço até você é uma narrativa arrebatadora e sensível sobre autodescoberta, os desafios da vida adulta e o que significa ser jovem, negra e audaciosa em um mundo que deslegitima seu direito de ocupar todos os espaços.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/um-traco-ate-voce/>